

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

ICESPI

FRANCISCO BERTO DE CARVALHO

O DESESPERO EM KIERKEGAARD

ICESPI - Biblioteca	
7768	03/09/2012

Teresina

2011

FRANCISCO BERTO DE CARVALHO

O DESESPERO EM KIERKEGAARD

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí como pré-requisito para a conclusão do Curso Livre de Filosofia sob orientação do Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana.

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

O DESESPERO EM KIERKEGAARD

Data de entrega: 11/05/2011

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí como pré-requisito para a conclusão do Curso Livre de Filosofia sob orientação do Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana.

Wellistony C. Viana

Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana

Carimato

Francisco Berto de Carvalho

Presidente do Exame

Francisco Berto de Carvalho

Teresina

2011

Francisco Berto de Carvalho

O DESESPERO EM KIERKEGAARD

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí como pré-requisito para a conclusão do Curso Livre de Filosofia sob orientação do Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana.

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Curso de Filosofia

Data de aprovação: 16 de nov. de 2011

Wellistony C. Viana

Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana

Orientador

Wellistony C. Viana

Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana

Coordenador do curso

Francisco Mendes de Sousa

Professor (a) Examinador

Amadeu Mateus B. Filho

Professor (a) Examinador

AGRADECIMENTOS

A Deus, "possibilidade pura" e "atômico" do devotivo.

Aos meus pais Bento e Teresinha, e aos meus irmãos Antônio e João Paulo, por serem nessa "possibilidade pura" e por serem todos em minha vida.

A minha Diocese de Piraí, "estêreo" da experiência, na pessoa de Sua Excelência Reverendíssimo Dom Flávio José, que com segurança acolhe e contribui com minha vocação.

Ao meu pároco, Pe. José Pio, sacerdote e testemunho da experiência, pelo apoio e confiança.

Ao meu orientador Prof. Dr. Pe. Wolmarly Carvalho Viana, protagonista da experiência, pela paciência, compreensão e indispensável colaboração.

Ao Instituto Christus de Estudos Superiores do Piauí, lugar da escudoria, na pessoa de seu diretor Dr. Pe. Domingos de Jesus Filho.

E aos meus colegas seminarianos, que muito me ajudaram neste trabalho, Jeremias.

Ao meu amigo "heideggeriano" Jeremias de Oliveira Lima.

AGRADECIMENTOS

A Deus, “possibilidade pura” e “antídoto” do desespero.

Aos meus pais Berto e Teresinha, e aos meus irmãos Antônio e João Paulo, por crerem nessa “possibilidade pura” e por serem tudo em minha vida.

A minha Diocese de Picos, “celeiro” da esperança, na pessoa de Sua Excelência Reverendíssima Dom Plínio José, que com esperança acredita e contribui com minha vocação.

Ao meu pároco, Pe. José Pio, sacerdote e missionário da esperança, pelo apoio e confiança.

Ao meu orientador Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana, protagonista da esperança, pela paciência, compreensão e indispensável colaboração.

Ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, lugar da sabedoria, na pessoa de seu diretor Dr. Pe. Domingos Barbosa Filho.

E aos meus colegas seminaristas, que muito me ajudaram neste trabalho, Jeremias, Ismael e Akyciel.

RESUMO

CARVALHO, Francisco Bento de O. *Desespero em Kierkegaard*. Teresopolis, 2011 - 46.
É Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Filosofia - Instituto Católico de
Estudos Superiores do Rio.

Este trabalho tem por objetivo analisar a noção de desespero em Kierkegaard, sob o ponto de vista da filosofia. Kierkegaard (1813 - 1855) em sua obra *O desespero humano* (1849) O desespero é a "doença mortal", porque é a "doença da humanidade, da qual não se pode escapar, porque é a doença da personalidade humana. Como disse Kierkegaard, a doença do homem de entender Deus e a vida humana para atingir o desespero, a vida da humanidade da alma, da razão e da vontade humana em três níveis: o natural, o ético e o religioso. O motivo que a conquista da fé, que se dá ao homem, está relacionado com a imortalização "a partir" da vida mortal. Portanto, o desespero é um existencial - é a doença da vida humana, não apenas por ele.

Palavras-chave: Kierkegaard - desespero - doença - humano - Deus.

O desespero é a doença mortal, a doença própria da personalidade humana e que a torna incapaz de realizar-se.

ABBAGNANO

RESUMO

CARVALHO, Francisco Berto de. **O desespero em Kierkegaard**. Teresina, 2011. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Livre de Filosofia) – Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí.

Este trabalho tem por objetivo expor a concepção de desespero apresentado pelo filósofo dinamarquês Soeren Aabye Kierkegaard (1813 – 1855) em sua obra *O desespero humano* (1849). O desespero é a “doença mortal”, porque é a enfermidade do homem, do eu, que é espírito e, é universal, porque é inerente à personalidade humana. Diante disso, Kierkegaard examina o desejo do homem de entender Deus e analisa a luta humana para eliminar o desespero através da imortalidade da alma. Ao mapear a existência humana em três estágios: o *estético*, o *ético* e o *religioso*, ele mostra que a conquista da fé, que se dá no terceiro estágio, está relacionada com a imortalização “a partir” da vida mortal. Portanto, o desespero é um existencial e é impossível o ser humano não passar por ele.

Palavras-chave: Kierkegaard – desespero – doença – homem – Deus

ABSTRACT

CARVALHO, Francisco Berto de. **The despair on Kierkegaard**. 2011. 46 f. Completion of course work. (Course Free of Philosophy). Catholic Institute of Higher Studies of Piauí. Teresina, 2011.

This paper aims to explain the concept of despair presented by the danish Soeren Aabye Kierkegaard (1813 - 1855) in his book *Human Despair* (1849). Despair is the "deadly disease" because it is the disease of man, of the self, who is spirit, and is universal, because it is inherent to human personality. Thus, Kierkegaard examines the human desire to understand God and examines the human struggle to eliminate the despair through the immortality of the soul. By mapping the human existence in three stages: the aesthetic, the ethical and religious, it shows that the conquest of faith, which occurs in the third stage, is related to the immortalization "from" mortal life. So despair is an existential and it is impossible for the human being does not pass through it.

Keywords: Kierkegaard – despair – illness – man – God.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I: KIERKEGAARD: UMA VIDA QUE EXPERIMENTOU E REFLETIU O DESESPERO.....	12
CAPÍTULO II: O DESESPERO EM KIERKEGAARD.....	24
2. 1. O desespero é a “doença mortal”.....	25
2.2. O desespero é universal.....	28
CAPÍTULO III: AS FORMAS DO DESESPERO.....	32
3.1. O “desespero da infinidade, ou a carência de finito”.....	33
3.2. O “desespero no finito, ou a carência de infinito”.....	34
3.3. O “desespero do possível, ou a carência de necessidade”.....	36
3.4. O “desespero na necessidade, ou a carência de possível”.....	37
3.5. O “desespero inconsciente de se ter um eu eterno”.....	39
3.6. O “desespero consciente de se ter um eu eterno”.....	40
3.6.1. O “desespero-fraqueza”.....	41
3.6.2. O “desespero-desafio”.....	42
CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

INTRODUÇÃO

Muitos filósofos, além de Kierkegaard, já trataram do desespero, embora utilizando expressões diferentes para conceituá-lo. Spinoza, por exemplo, afirma que “o desespero é uma tristeza nascida da ideia de uma coisa futura ou passada a respeito da qual não há mais causa de dúvida” (SPINOZA, apud JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p.70).

Em Heidegger o desespero é a “angústia”, isto é, a “insegurança do existente diante do nada: o sentimento de nossa situação original nos mostra que fomos lançados no mundo para morrer nele” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p.11). Porém há um detalhe: a “angústia”, para o filósofo de *Ser e tempo*, é um caminho para a liberdade, isto é, vai além de um conceito cientificamente psicológico. Assim ele afirma: “a angústia revela o ser para o poder-ser mais próprio, ou seja, o ser livre para a liberdade de escolher a si mesmo” (HEIDEGGER, 2006, p. 254).

O presente tema em Sartre é a “náusea”. Japiassú e Marcondes (2006, p. 11) afirmam que, para o existencialista de *O ser e o nada*, é “a consciência da responsabilidade universal engajada por cada um de nossos atos”. E ainda, o próprio Sartre assim diz: “a angústia se distingue do medo, porque o medo é medo dos seres no mundo, enquanto a angústia é angústia diante de mim” (SARTRE, apud JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p.11). Em resumo, a “angústia” de Heidegger perante a morte equivale a “náusea” de Sartre diante do ser.

O desespero ainda é tido como o “naufrágio”, para o alemão Jasper:

Todas as possibilidades nas quais se pode pensar acabaram se exaurindo. Os vários segmentos da vida espiritual se extinguem. Tudo o que foi grande acabou por se perder. Nenhum fato é eterno, nenhuma instituição resiste estavelmente no tempo. No fim, o que há é o naufrágio (JASPER, apud REALE, 2006, p.601).

Em outras palavras, o que ele quer dizer é que, no fim, o que há é o desespero.

Já para o pai do existencialismo, “o desespero é a doença mortal, a doença própria da personalidade humana e que a torna incapaz de realizar-se” (ABBAGNANO, 2000, p. 242). Assim, o desespero, para toda corrente existencialista, “resulta da consciência da finitude e da gratuidade e ausência de sentido da vida humana” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p.70).

E por que o desespero em Kierkegaard? Por quatro motivos. Primeiro, porque o desespero é um existencial, ou seja, “é inerente à personalidade do homem, à relação do eu consigo próprio e à possibilidade desta relação” (ABBAGNANO, 2000, p. 162). Ele não é somente uma questão filosófica, mas “um problema concreto do dia-a-dia” (SALES, 2010). O curioso é que o desespero não é totalmente negativo, é também positivo, pois “põe à tona a miséria e a grandeza do homem” (SOUSA, 2010). Portanto, o desespero é “um dos aspectos fundamentais da existência” (ABBAGNANO, 2000, p. 162), foi e é um dos principais temas trabalhados pelo existencialismo ou filosofia da existência, ou ainda, filosofia do homem concreto.

O segundo motivo é que “nas raízes desta filosofia, encontra-se o pensamento de Kierkegaard” (REALE, 2005, p. 594). O terceiro, também, está nesta mesma linha. É a presença, a influência do pensamento kierkegaadiano na filosofia contemporânea, a ponto de Jasper achar tal filosofia praticamente impossível sem Soeren Kierkegaard:

Nos momentos mais decisivos, parece-me inexorável tudo o que Kierkegaard era capaz de ver e de falar com seu discurso e com a via por ele iniciada. Em nossos dias, uma filosofia sem Kierkegaard me parece impossível. Segundo meu parecer, a sua grandeza é de uma dignidade histórico-mundial tamanha, a ponto de colocá-lo ao lado de Nietzsche (JASPER, apud ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 60-61).

E o quarto motivo é que, ao conceituar o desespero como a “doença mortal” e dividi-lo em várias formas, Kierkegaard (2010, p. 88) afirma que uma delas, “o desespero-fraqueza”, tem a possibilidade de levar o ser humano ao suicídio:

O comum dos mortais não faz naturalmente a menor ideia do que pode suspeitar um hermético desta espécie; ficariam estupefatos se o soubessem. Tão certo é que ele corre, em primeiro lugar, o risco do suicídio.

Dadas as razões da escolha do tema e do pensador, faz-se necessário saber: Quem foi, então, Kierkegaard? Qual a sua concepção acerca do desespero? Este é universal ou particular? Quais as suas personificações? O desespero tem cura ou não? E caso a resposta seja sim, qual o “remédio” encontrado e recomendado?

O presente trabalho está desenvolvido em três capítulos e versa sobre todas estas questões, buscando responder a problemática principal: por que o ser humano se desespera?

CAPÍTULO I

KIERKEGAARD: UMA VIDA QUE EXPERIMENTOU E REFLETIU O DESESPERO

Kierkegaard (2010, p. 42) afirma conhecer tudo e, com propriedade o desespero humano: “Oh! Sei bem tudo o que se diz do desespero humano e presto atenção, também eu conheci, e de perto, mais de um caso; o que não se conta de existências malbaratadas!” Mas, por que dedicar um capítulo inteiro a Kierkegaard e sua obra? Não seria melhor começar com a temática do desespero?

Não! É necessário continuar com este propósito, pois segundo Gardiner (2001, p. 10), “sua obra e sua vida pessoal eram realmente inseparáveis e as relações entre as duas foram realmente registradas em seus abundantes *diários*, que ele escrevia desde seus 21 anos”. E ainda, de maneira brilhante, Farago (2006, p. 23) diz:

Esta vida alimenta sua obra, e isto não nos permite fazer cortes em sua mola, para dela isolar o aspecto propriamente filosófico negligenciando o resto. Seria não somente uma infidelidade imperdoável à pessoa que fala através da obra, a pessoa que se descobre no Diário Íntimo, tesouro inesgotável de reflexões e meditações, de facetas do espírito e orações, onde a sátira e o anedótico vivem lado a lado com a elevação mística ou a meditação filosófica.

Além disso, no final desta exposição, ver-se-á como os fatos que ocorreram em sua vida, como também, as pessoas que mais o influenciaram serão determinantes na construção do seu pensamento acerca do desespero.

Soeren Aabye Kierkegaard nasceu em 5 de maio de 1813, em Copenhague, Dinamarca, onde faleceu em 11 de novembro de 1855, com apenas quarenta e dois anos. Foi o sétimo filho de Michael Pedersen Kierkegaard, comerciante de tecidos, que na juventude fora libertado da servidão e tornara-se, a partir daí, relativamente rico e de Ana Kierkegaard, com quem o pai se casara após a morte prematura de sua primeira esposa. Ana era analfabeta, o contrário do pai, que era autodidata e astuto nos negócios, membro fiel da Igreja luterana e dotado de firme crença no

dever e na autodisciplina, mas ambos de idade avançada: o pai com cinquenta e seis e a mãe com quarenta e quatro anos, fato que levou o jovem a dizer mais tarde que era o “filho da velhice”. Foi batizado no dia 3 de junho de 1813, na Igreja luterana do Espírito Santo.

Quando criança foi muito amado e mimado pela mãe e por suas três irmãs que o levavam a passear no seu carro pelas muralhas da cidade, sob os pórticos dos filósofos e sob as arcadas, e, assim que aprendeu a caminhar, elas o levavam pela mão a passear pelas ruas da cidade natal. Porém, este amor não foi reconhecido, pois Kierkegaard, nem sequer cita em sua obra, os nomes de sua mãe e de suas irmãs.

Qual era, então, o cenário político, social, cultural e religioso, que acolheu aquele que deu as bases ao existencialismo e, sem o qual, não haveria, praticamente, a filosofia contemporânea, conforme dissera Jasper, citado na introdução deste trabalho?

Elegantemente, Farago (2006, p. 25) o descreve:

Durante o inverno de 1812, uma tempestade se havia desencadeado sobre a velha Europa, anunciando que chegava ao fim de uma era. Os jornais dinamarqueses, o *Berlingske Tidende*, o *Dagen* repercutiam o eco das peripécias da política exterior. A campanha da Rússia havia arrastado o império de Napoleão à beira do abismo. Havia já uma década que a Dinamarca também vivia um período crítico de sua história. Em 1801, tendo-se unido à Rússia e à Suécia na liga da neutralidade armada, teve de travar com os ingleses, na baía de Copenhague, uma dura batalha. Em 1807, no final do reinado de Cristiano VII – o rei esclarecido que estabelecera a liberdade de imprensa – a esquadra inglesa havia bombardeado a capital, semeando as ruínas no coração da velha cidade dos mercadores. As finanças, esgotadas por essa longa guerra em 1813, tinha lançado os negociantes na falência [...]. Em 1814, o tratado de Kiel consagra o abandono da Noruega que, unindo-se à Suécia, vai obter uma Constituição Livre. Mesmo absoluto, o poder do rei era indulgente. A Igreja continuava a ditar à sociedade o que era necessário crer enquanto as ciências não eram ainda assunto para os especialistas. Enfim, na Dinamarca ainda não se pusera a questão social sob a sua forma moderna. Muitos sentiam, no entanto, que as ideias antigas não eram mais sustentáveis. Era necessário algo de novo.

Com a chegada de Kierkegaard, pode-se afirmar que essa necessidade de “algo de novo” foi suprida.

Aos seis anos, Kierkegaard começou a experimentar o desespero, quando a morte atingiu um de seus irmãos, o quinto da família. Três anos depois, sua irmã mais velha, Maren Kristine, morre aos vinte e cinco anos, em 1822. “Dez anos mais tarde, é a vez da caçula, Nicoline, na idade de trinta e três anos. A partir desse momento, vão-se sucedendo os lutos” (FARAGO, 2006, p. 28), levando um depois do outro os seus irmãos. Em 1833, um ano depois, morre Niels Andreas, aos vinte e quatro anos. No dia 30 de julho de 1834, perde a sua mãe, Ana e, no dia 29 de dezembro do mesmo ano, a sua irmã predileta, Pétrea. Oito anos depois, em 1838, é a vez de seu pai. Restaram apenas Kierkegaard e seu irmão mais velho, Peter Christian, que mais tarde tornara-se bispo da Igreja luterana.

Com relação à sua aparência física, Soeren era fraco e desajeitado, e tinha consciência desta realidade. Era uma figura introvertida. Porém o seu destaque começa vir à tona:

Logo Kierkegaard tomou consciência de seu intelecto superior, o qual admitiria mais tarde, usava como arma para se defender de quem o ameaçava. Ele tinha uma língua afiada e certa e sabia encontrar os pontos fracos dos outros. Sabe-se, também, que gostava de fazer ataques verbais, sendo capaz de reduzir os colegas de classe às lágrimas (GARDINER, 2006, P. 12).

Em 1830, aos dezessete anos, Kierkegaard matriculou-se na Universidade de Copenhague e, durante este primeiro ano cursou grego e latim, historia, matemática, física e filosofia. “Passou em todos os exames importantes com distinção” (GARDINER, 2006, P. 12). Depois começou cursar teologia, seguindo assim os passos de seu irmão mais velho. Mas, quatro anos depois, desestimulou-se com o curso. Ele desejava algo a mais e, mais livre. Um fato curioso de sua vida é que ele “esbanjava dinheiro em roupas e bebidas, acumulando dívidas para o seu pai pagar. Também ia a festas, bares e restaurantes” (GARDINER, 2006, P. 13).

Durante este período, Soeren revelou em seus *diários*, que estava “profundamente insatisfeito com o vazio de sua existência e com sua inabilidade de encontrar um objetivo para sua vida” (GARDINER, 2006, P. 13). De um lado, ele reclama da futilidade de buscar prazeres, por outro, expressa a impaciência com o estudo. “Ele descrevia vivendo no ‘subjuntivo’, em vez de no ‘indicativo’, e

comparava em desespero, sua posição à de uma peça do jogo de xadrez que não pode ser movida” (GARDINER, 2006, p. 14). E após a morte de seu pai, sua aparência e sua atitude sofreram transformação radical.

Em julho de 1840, Kierkegaard formou-se em teologia. Em setembro anunciou seu noivado com Regina Olsen, filha de Terkel Olsen, funcionário público de alto escalão e muito bem-relacionado. E no mês de novembro ele iniciou um treinamento num seminário pastoral e também o mestrado na universidade.

Aparentemente, o noivo estava “determinado a seguir uma carreira profissional como um responsável chefe de família” (GARDINER, 2006, p. 14). Porém, onze meses depois, ele tomou a iniciativa de devolver o anel à Regina, pois, segundo ele, “não seria capaz de fazer uma mulher feliz” (GARDINER, 2006, p. 15). E ainda, “casando, não seria o excepcional diante de Deus. Escolheu entre Deus e Regina e optou, com uma boa dose de sofrimento, por Deus” (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 10).

A jovem Regina, loucamente apaixonada por ele, fez árduos esforços, na esperança de reconquistá-lo. No seu livro *Diário de um sedutor*, Kierkegaard (2006, p. 23) mostra algumas cartas da mesma, manifestando este desejo. Eis na íntegra uma delas:

Não haverá, então, esperança alguma? Não despertará assim de novo o teu amor, nunca? Porque eu bem sei que me tiveste amor, muito embora não saiba o que me dá tal certeza. Esperarei, ainda que o tempo me pareça longo, esperarei até que estejas saciado do amor das outras, e então o teu amor por mim ressurgirá do túmulo, amar-te-ei então, como sempre te amei, como outrora, oh Johannes!, como outrora!, Johannes!, representará essa insensível frieza contra mim a tua verdadeira natureza; o teu amor as riquezas do teu coração, seriam apenas fingimento, terás voltado agora a ser como és? Tem paciência para com o meu amor, perdoa-me por ainda te amar. Bem sei, o meu amor é para ti um fardo; mas o tempo virá em que regressarás para junto de tua Cordélia! Escuta esta palavra de súplica! Tua Cordélia! Tua Cordélia!

Nada adiantou os esforços da jovem. Kierkegaard, simplesmente, repetiu o seu gesto de frieza e decidiu repeli-la com uma demonstração de indiferença, acreditando ser o único meio a seu alcance para fazê-la se casar com outro, como

de fato aconteceu. Pois, em 1843, ela fica noiva e, posteriormente, casa-se com Frederik Schlegel.

O dinamarquês arrependeu-se profundamente, por ter rompido o noivado com Regina e reconhece a sua falta de fé: “se eu tivesse tido a fé, não teria deixado Regina” (KIERKEGAARD, apud FARAGO, 2006, p. 53). E também não ficou livre do desespero, do vazio existencial, pois segundo Gardiner (2001, p. 15), “a convicção de ter tomado a decisão certa não aliviou em nada a angústia que isso provocou”. Contudo, não interessa qual seja a verdade, o fato é que “não há dúvida de que a separação de Regina Olsen representou um ponto crucial em sua vida” (GARDINER, 2001, p. 16).

Além de Regina, o seu pai foi outro e, o primeiro, que selou a sua vida, sendo assim um fator determinante. Com isso, percebe-se que os dois são referências constantes em seus *diários* e, deve-lhes a maior gratidão:

Devo tudo a um velho pelo qual sinto a maior gratidão e a uma jovem à qual estou ainda em débito. Por isso me parece que a minha natureza resulta de uma síntese de velho e de novo, de rigor invernal e frescor do verão. O primeiro me educou com sua nobre sabedoria, a outra, com sua amável imprudência (KIERKEGAARD, apud ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 9).

Mas, participando das discussões teológicas entre seu pai e os amigos que frequentavam a sua casa, descobriu que o seu genitor assediara Ana, a sua própria mãe, que na época era empregada do lar kierkegardiano. Com isso, ele descobre que a idade avançada do seu pai não era uma benção de Deus, mas uma maldição. Ele achava que “um pecado deveria gravar sobre a família uma punição de Deus” (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 10).

O terceiro personagem que marcou profundamente, a vida e a trajetória kierkegaardiana, foi o bispo Mynster, que conciliava a Igreja luterana oficial com a ordem estabelecida de sua época.

Acabou por considerá-lo seu adversário, como pregador de um cristianismo reconciliado com o mundo, ilusão que transforma o evento cristão, a encarnação de Cristo, em ações mundanas, temporais, anulando a radicalidade de Cristo. A Cristandade é uma fantástica miragem, uma

máscara, uma palhaçada, abrigo de todas as alucinações (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 11).

Na melancolia operou-se a crise de fé, e ele descobriu um cristianismo proposto por Cristo, diferente do da Cristandade.

Segundo Gaarder (1995, p. 403):

Para Kierkegaard, o cristianismo era ao mesmo tempo tão avassalador e tão adverso à razão que poderia ser ou isto, ou aquilo. Quer dizer, ele achava que não era possível ser um pouco cristão, ou então cristão até certo ponto. Pois ou Jesus Cristo tinha ressuscitado no domingo de Páscoa, ou não. E se realmente tivesse se levantado dos mortos, isto seria algo tão avassalador que teria necessariamente de marcar toda a nossa vida.

Reale (2005, p. 234), por sua vez, define Kierkegaard como “uma vida que levou a sério o cristianismo”, porque, para o pensador da existência, ter fé cristã significava seguir os passos de Jesus.

Em 1841, Soeren deixou Copenhague e foi para Berlim, com o objetivo de assistir a uma série de palestras ministradas por Schelling, filósofo alemão que, na juventude, fora bastante próximo de Hegel, mas naquele momento voltara-se contra o mesmo. Estava animado, porém à medida que as palestras passavam da crítica negativa à especulação positiva, “Kierkegaard começou a ficar cada vez mais exasperado com a confusa arrogância de Schelling, bem como com a impotência de suas doutrinas metafísicas” (GARDINER, 2001, p. 17).

Kierkegaard é um enigma. E este é único e proposital, pois ele sabia, conscientemente, da força e da originalidade dos seus escritos e, também não queria ser transformado num ilustre personagem acadêmico das faculdades de teologia, filosofia ou direito. Assim dizia: “Um dia não somente os meus escritos, mas certamente a minha vida e todo o complicado segredo do maquinário serão minuciosamente estudados” (KIERKEGAARD, apud ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 8).

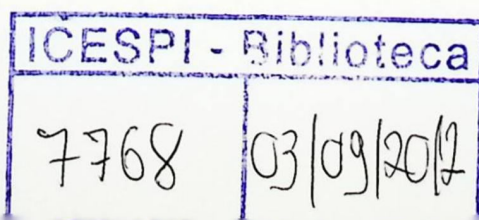
Contudo, é maravilhoso estudar Kierkegaard, pois

O enigma seduz, angustia, dilacera com suas contradições existenciais, sua refinada ironia, sua esperança de retirar o homem comum do anonimato da multidão. Ele nos convida a irmos até o fundo de nós mesmos, para que possamos, com todo risco que a decisão do salto comporta encontrar o Inefável (KIERKEGAARD, apud ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 8).

Kierkegaard escreveu muito. Só os *Diários*, por exemplo, tem mais de vinte volumes, cerca de cinco mil páginas, podendo ser comparado à obra *Confissões* de Santo Agostinho, pela profundidade de análise do homem interior e pela emoção no estilo. Em 1838, ainda na universidade, publicou o primeiro livro *Dos papéis de um sobrevivente*, forte crítica ao romance *Apenas um músico*, de Andersen. As demais obras são: *A Alternativa*, *Temor e tremor* (1843), *O conceito de angústia* (1844), *O banquete* (1845), e *As obras do amor* (1847). As obras de doutrina religiosa como *A escola do cristianismo* (1850), as ferozes polêmicas anticlericais de *O instante* (1855), os sermões dos *Discursos edificantes*, os tratados religiosos como o admirável ensaio *Pureza de coração* (1845). E os livros mais especialmente filosóficos, como *As migalhas filosóficas* (1844), o *Post scriptum às migalhas filosóficas* (1846) e *As etapas no caminho da vida* (1945). Por fim, a bibliografia principal desta pesquisa, *O desespero humano* (1849). Nesta, Kierkegaard examina o desejo do homem de entender Deus e analisa a luta humana para eliminar as angústias através da imortalidade da alma. Ao mapear um caminho que explique os “como” e os “porquês” da existência humana, mostra que a conquista da fé está relacionada com a imortalização “a partir” da vida mortal. É uma obra fundamental tanto para o existencialismo quanto para a teologia moderna.

Na sua obra, Kierkegaard faz uso de pseudônimos como Don Juan, Margarida, Fausto, Asvero, Abraão, Jó, Climacus, Guilherme, Victor Eremita, Anti-Climacus, Joannes de Silentio, Nicolaus, Notabene, Frater Taciturnus e Constantin Constantius. Eles “têm caráter, psicologia própria, individualidade, numa crítica aos intelectuais que se esquecem de existir e só pensam sobre a existência” (ALMEIDA; VALLS, p. 13). Este foi o *insigh* extraordinário de Kierkegaard.

Com isso, pode-se dizer que o pensador da existência construiu uma verdadeira galeria metódica e ordenada dos diversos tipos humanos como o cavaleiro da fé, o juiz ético-burguês, o homem da dúvida, o desesperado, o



romântico sedutor o erótico-sensual, o cavaleiro da resignação e o espiritual-demoníaco.

Qual é, então, a tarefa dos pseudônimos? É despertar os homens e torná-los atentos. Os pseudônimos vêm a ser “o símbolo da distância que separa cada homem do seu verdadeiro eu, o nome pelo qual Deus chama, convoca” (FARAGO, 2006, p. 55)

Kierkegaard é um pensador da existência porque buscou refletir os existenciais da vida humana, como o desespero, utilizando como método a *maiêutica socrática*, porém aperfeiçoando-a na categoria da *reduplicação* e, com esta, visando estabelecer uma nova possibilidade de se fazer filosofia, como de fato aconteceu, fundando o existencialismo. E por que Sócrates como mestre e referência? Porque “fora do cristianismo, Sócrates foi o único homem do qual se poderia dizer que faz a existência brilhar” (KIERKEGAARD, apud FARAGO, 2006, p. 192).

Qual é mesmo a chave hermenêutica da filosofia existencial?

É a decisão apaixonada do existente na transformação da própria existência, pois toda decisão essencial se dá na subjetividade. A filosofia assume a dimensão de diálogo íntimo do eu consigo mesmo, partindo do pressuposto de que o homem é espírito, o espírito é interioridade, a interioridade, é subjetividade, a subjetividade é essencialmente paixão, e quando atinge o ápice, é paixão infinita da pessoa interessada na busca da própria salvação eterna (ALMEIDA; VALLS, 2007, 27).

O dinamarquês faz a distinção entre a filosofia sistemática ou idealista e a filosofia existencial com a ironia e, esta deve permear toda a reflexão existencial. E por ser um pensador da existência, ele insere a razão no processo de fundamentar o sentido da existência. Por isso ele reflete sobre o desespero humano.

Ele divide a vida em três estágios: o *estético*, o *ético* e o *religioso*. Com isso, ele “encontra-se e transpõe para o concreto a distinção clássica entre os três gêneros ou ordens de conhecimento: os três gêneros de Spinoza, as três ordens de Pascal ou ainda a opinião, o saber e a fé em Kant” (FARAGO, 2006, p. 120).

No estágio *estético*, o homem abandona-se à imediatidade, à busca desenfreada do prazer. “Trata-se realmente de um homem insensível, desorientado, que esconde o desespero em fuga incessante, uma negação assassina” (FARAGO, 2006, p. 120). Portanto, o estágio estético deixa a pessoa em um “beco” sem saída, condenada ao desespero.

No estágio *ético*, o homem, geralmente, submete-se à lei moral. É caracterizado pelo espírito de seriedade. Assim descreve Farago (2006, p. 125):

O homem ético realiza a síntese do estético e do ético, eliminando aquilo que na vida puramente estética era a diversidade, dispersão, acaso e inconstância, isto é, incompatível com a unidade verdadeiramente coerente de um projeto de vida.

Porém, este estágio ainda não é o melhor, pois nele o homem vive apenas cumprindo papéis, de aparências.

Já no estágio *religioso*, o homem abraçando a eternidade, deixa-se dirigir pelo amor, para “além do bem e do mal”.

Somente o estágio religioso realiza a presença da eternidade no tempo, a plenitude da encarnação. Dissipam-se então as miragens do gozo, a prisão da lei abre suas grades em proveito da gratuidade do amor e a pessoa realiza em plenitude a aliança entre o tempo e a eternidade (FARAGO, 2006, p. 125).

É somente neste estágio existencial que o ser humano se realiza plenamente, mesmo passando por todas as formas de desespero, pois se encontra naquele que é a “possibilidade pura”, ou seja, a ausência de necessidade e “antídoto” do desespero: Deus. Assim ele conquista a sua estrutura primitiva que é a de ser espírito.

Pode-se afirmar que por toda sua vida, Kierkegaard procurou uma verdade pela qual pudesse viver e morrer. Para ele, “a verdade é subjetividade. Mas não uma subjetividade desencarnada e fechada em torno de si mesmo” (ALMEIDA; VALLS, 2007, p.54), ou seja, “mais importante do que a busca de uma VERDADE com letra maiúscula era a busca por verdades que são importantes para a vida de

cada indivíduo” (GAARDER, 1995, p. 404). Ele usou esta argumentação quando criticou fortemente Hegel e seu sistema. Dizia que Hegel tinha se esquecido de que era apenas uma pessoa.

Ele zombava do tipo do professor hegeliano que vivia no alto de uma torre de marfim e que, preocupado em explicar os mistérios da vida, esquecia o seu próprio nome, esquecia-se de que era uma pessoa, uma pessoa como outra qualquer, e não meia dúzia de parágrafos bem elaborados que de verbo tinha se tornado carne (GAARDER, 1995, p. 405).

E ainda, “esse brilhante espírito de podridão é a mais repugnante de todas as formas de libertinagem” (KIERKEGAARD, apud REALE, 2005, p. 241). Estas fortes críticas, como também, o rompimento do noivado com Regina o deixaram, por certo tempo, de mal com a sociedade da época.

Em Kierkegaard, “a verdade exige um constante atualizar da Verdade na ação concreta e na realização do indivíduo singular” (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 55). Todavia, a verdade se torna paradoxal, porque deixa de ser um conceito, para ser identificada com uma pessoa, que é Jesus Cristo. Aqui, Kierkegaard tem duas pretensões: a primeira, superar a verdade como adequação entre pensamento e ser. A partir da verdade como Paradoxo, ela é Cristo. E depois,

o indivíduo singular, ao se relacionar com a verdade como Paradoxo, tem um referencial para concretizar-se a si mesmo, mesmo que o impede de concretizar a possibilidade do mal que há dentro dele, pois ser livre comporta a possibilidade do bem e do mal (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 55).

Em síntese, ele ligava a sua própria importância histórica à categoria de indivíduo e, com ela criticava os sistemas filosóficos da época.

Há quem diga que Kierkegaard não é filósofo, nem teólogo, nem literato, nem místico, nem pedagogo. Se ele não é tudo isso, então, como é

que sua influência está tão presente em Jaspers, Heidegger, Sartre, Ricoeur, Benjamin, Kafka, Buber, Chestov, Lévinas, Derrida, Rosenzweig, Jankélévitch, Bloch, Merleau-Ponty, Arendt, Deleuze, Canetti, Barth, Lacan, Bataille, Tillich, Adorno? (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 7).

É inegável a importância de Kierkegaard na filosofia contemporânea, pois conforme dissera Jasper, ela seria praticamente impossível sem ele. “Contribuiu para trazer a filosofia de novo para o plano terreno, inserindo-a nos dramas e tragédias da própria existência” (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 7). Daí o fascínio que ele exerce em muitos pensadores, como por exemplo, Wittgenstein que vê no “Sócrates dinamarquês” o pensador mais profundo do século XIX.

Há quem o considere “um divisor de águas, traçando um antes e um depois para a filosofia” (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 61). Para Ricouer, Kierkegaard inaugura a pós-filosofia, ao introduzir a descontinuidade, o paradoxo, o salto e os existenciais como a angústia, o desespero, o nada.

Adorno, Horkheimer e Benjamin trabalharam temas como “a crítica aos desvios da comunicação e da linguagem” e a maneira como esses mecanismos estão a serviço da classe dominante. E ainda, Adorno escreveu sua Habilitação sobre Kierkegaard. E os pensadores de Frankfurt acolheram e valorizaram o pensamento de Soeren, motivados pela ideia de o “impessoal ser causa de corrupção”.

Embora Heidegger não confessar sua imensa dívida a Kierkegaard, “o tema do vazio existencial como fuga de si e, por isso, como desespero humano, é retomado no parágrafo 33 de *Ser e tempo*” (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 63).

Arendt considera o pensamento do existencialista dinamarquês mais profundo e necessário para a evolução da filosofia do que o pensamento de Marx. E ainda, “não existe um único filósofo da existência em que a influência kierkegaardiana não seja documentada” (ARENDT, apud ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 62).

Já Lévinas escreve: “A filosofia de Kierkegaard incidiu tão profundamente sobre a filosofia contemporânea que as reservas e até a refutação que ela pode suscitar constituem para sempre o testemunho de uma modalidade desse influxo” (LÉVINAS, apud ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 61).

Diante desta exposição, percebe-se que a formação intelectual do jovem Kierkegaard se deu nas viagens pelo mundo da fantasia, da dialética e da melancolia. E a morte prematura de seus irmãos, como também a de sua mãe; a

sabedoria, a rigurosidade e o pecado de seu pai; a frustração e as críticas ao cristianismo e aos sistemas filosóficos da época e, sobretudo, o rompimento do noivado com a jovem Regina, que o deixaram de mal com a sociedade, são fatores que o ajudaram a refletir e a elaborar o conceito de desespero, que será apresentado nos próximos capítulos.

CAPÍTULO II

O DESESPERO EM KIERKEGAARD

O desespero, para Kierkegaard, é a doença do homem, do espírito, do eu. Mas antes de prosseguir com essa concepção, é necessário compreender estas três categorias: o homem, o espírito e o eu.

“O homem é espírito” (KIERKEGAARD, 2010, p. 25). É também “uma síntese de infinito e finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em suma, uma síntese” (KIERKEGAARD, 2010, p. 25). E o que é uma síntese? É a relação de dois termos. Porém um detalhe importante: sob este ponto de vista, ainda não há a existência do eu.

O espírito é o eu. E este, segundo Kierkegaard (2010, p. 25):

É uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheia a si, mas consigo própria. Mais e melhor do que na relação propriamente dita, ele consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. O eu não é, a relação em si, mas sim o seu voltar-se sobre si própria, o conhecimento que ela tem de si própria depois de estabelecida.

Visto que o homem é uma síntese e que esta é uma relação de dois termos, nesta relação, a própria relação entra como um terceiro termo, como “unidade negativa”, e cada um dos termos, de acordo com Kierkegaard, relaciona-se com a própria relação, tendo cada um deles existência própria e separada no seu relacionar-se com a relação. Para ilustrar, Soeren cita o exemplo da alma, que é uma simples relação, formada da sua ligação com a do corpo. Mas aqui existe uma condicional, fator determinante para o eu existir: se “a relação conhece a si própria, esta última relação que se estabelece é um terceiro termo positivo, e temos então o eu” (KIERKEGAARD, 2010, p. 26). Em outras palavras, para o eu existir, a relação precisa conhecer a si mesma.

Uma relação dessa forma, ou seja, que se orienta sobre si mesma, segundo Kierkegaard (2010, p. 26), “não pode ter sido estabelecida senão por si ou por outro. Se o foi por outro, essa relação é, sem dúvida, um terceiro termo, mas este é ainda, ao mesmo tempo, uma relação”. Isto quer dizer que ela relaciona-se com quem estabeleceu a relação. Esta é a relação do homem, do espírito, do eu: não só relaciona-se consigo própria, como também com o outro. Daqui nascem as duas formas, ou personificações do desespero: “o desespero, no qual não se quer ser si próprio, ou desespero-fraqueza” e “o desespero, no qual quer ser si próprio, ou desespero-desafio”, que serão trabalhadas no próximo capítulo.

2. 1. O desespero é a “doença mortal”

Tendo compreendido e exposto o que são o homem, o espírito e o eu, torna-se melhor compreender o desespero como a “doença mortal”. Porém, Kierkegaard adverte que esta ideia de “doença mortal” deve ser tomada num sentido particular, pois “ao pé da letra significa um mal cujo termo é a morte, e serve então de sinônimo de uma doença da qual se morre” (KIERKEGAARD, 2010, p. 30). O desespero não pode ser tomado com este sentido, porque, para o cristão, por exemplo, a própria morte é uma passagem para a vida e, ainda, a nenhum mal físico ele considera “doença mortal”, além do mais, “a morte põe termo às doenças, mas por si só não constitui um termo” (KIERKEGAARD, 2010, p. 30-31).

Entretanto, usando em um termo mais categórico, o desespero é sim a “doença mortal”. Kierkegaard (2010, p. 31) explicita:

Bem longe de se morrer dele, ou de que esse mal acabe com a morte física, a sua tortura, pelo contrário, está em não se poder morrer, como se debate na agonia o moribundo sem poder acabar. Assim, estar mortalmente doente é não poder morrer [...].

Neste último sentido, o desespero é, portanto, a “doença mortal”, é uma tortura contraditória, é doença do eu, ou seja, é o “morrer eternamente”, ou “morrer sem porém morrer”, ou ainda, é “morrer a morte”. Numa melhor compreensão,

“morrer significa que tudo está acabado, mas morrer a morte significa viver a sua morte; e vivê-la um só instante e vivê-la eternamente” (KIERKEGAARD, 2010, p. 31). Se o ser humano morresse de desespero como morre de uma doença, o que há de eterno nele, deveria morrer também. Por isso, que Kierkegaard (2010, p. 31) afirma: “no desespero, o morrer continuamente se transforma em viver. Quem desespera não pode morrer”. O exemplo dado por Soeren é o punhal: da mesma forma que este não serve para matar pensamentos, o desespero também não serve para matar a eternidade do eu, do espírito, do homem. O desespero é, então, como um “verme imortal”. Ele é a destruição que o eu tem de si próprio, porém é impotente e não consegue os seus fins desejados. Tem vontade própria e possui uma fórmula de acumulação. Sobre isso assim escreve, com maestria, Kierkegaard (2010, p. 31-32):

A sua vontade própria é distrair-se, mas é o que ela não pode fazer, e a própria impotência é uma segunda forma da sua destruição, na qual o desespero pela segunda vez erra o seu alvo, a destruição do eu; é, pelo contrário, uma acumulação de ser, ou a própria lei dessa acumulação. Eis o ácido, a gangrena do desespero, esse suplício cuja ponta, dirigida para o interior, nos afunda cada vez mais numa autodestruição impotente. Bem longe de consolar o desesperado, pelo contrário, o insucesso do seu desespero a destruí-lo é uma tortura, reanimada pelo seu rancor; porque é acumulando sem cessar, no seu presente, o desespero pretérito que ele desespera por não poder devorar-se nem libertar-se. Tal é a fórmula do desespero, o crescer da febre nesta doença do eu.

Foi assim que aconteceu com o próprio Kierkegaard, quando experimentou o desespero depois de romper o noivado com a jovem Regina Olsen.

Quantas mulheres querem ter um corpo sensual, como o da Gisele Bündchen? Quantos jogadores de futebol desejam fazer as brilhantes jogadas, marcar gols e conseguir o título de rei, como fez Edson Arantes do Nascimento, conhecido como Pelé? Quantos cantores sonham em conquistar os corações e, sobretudo, os das mulheres, como fez e faz Roberto Carlos? Quantos homens lutam para ser o mais “poderoso” do mundo, como Barack Obama? Para falar desta luta desesperada do ser humano, Kierkegaard cita como exemplo, o homem ambicioso, que deseja ser César e, por não conseguir, desespera-se. Muitos tentam e quando não conseguem, desesperam-se. Poucos, diante dessa e de muitas outras frustrações, conformam-se. Porém, isso raramente acontece, porque a pessoa ainda

está no primeiro estágio existencial, o estético. E, para acontecer o contrário, ela deverá alcançar o terceiro e último estágio, que é o religioso.

Quando o homem se desespera é porque tem um motivo para tanto, pelo menos é o que se pensa durante um momento, porque logo surge o verdadeiro desespero, que é o desespero de si próprio. É ilusão pensar que ele se desespera por não ter se tornado um Roberto Carlos, um Pelé, um Obama, um César. Porque é desesperando-se de uma coisa, que o homem se desespera de si próprio, e logo em seguida quer libertar-se do seu eu. É por não se ter tornado Roberto Carlos, Pelé, Obama, César, que ele já não suporta ser ele próprio, ou seja, ele desespera-se do eu desejado, porém não realizado. “Esse mesmo eu que de outro modo teria feito a sua alegria, alegria, contudo desesperada, ei-lo agora mais insuportável do que tudo” (KIERKEGAARD, 2010, p. 32). Não é o fato de não se ter tornado um desses personagens que é insuportável, mas o eu que não se tornou em um deles, ou, antes, o que não suporta, verdadeiramente, é a impossibilidade de libertar-se do eu. “Na sua essência, o seu desespero não varia, pois não possui o seu eu, não é ele próprio” (KIERKEGAARD, 2010, p. 32). Porém, Soeren apresenta algo curioso: o homem não se tornaria ele próprio, tornando-se, por exemplo, Roberto Carlos, Pelé, Obama, César, é verdade, mas ter-se-ia libertado do seu eu.

Em resumo, pode-se afirmar que, a fórmula de todo desespero é o desesperar-se de si próprio. É querer desesperadamente, libertar-se de si mesmo. Pois desesperar-se de uma coisa não é ainda, o verdadeiro desespero. E o fato de o homem querer ser, Roberto Carlos, Pelé, Obama, César e da mulher querer ser Gisele, é compreensível, pois “o homem deseja sempre se libertar do seu eu, do eu que é, para se tornar um eu da sua própria invenção” (KIERKEGAARD, 2010, p. 34). Ainda vale lembrar que o desespero possui a sua contradição:

Pode-se demonstrar identicamente a eternidade do eu, por esta atroz contradição do desespero. Sem a eternidade em nós próprios não poderíamos desesperar; mas caso ele pudesse destruir o eu, também não haveria desespero.

2.2. O desespero é universal

Antes de apresentar a universalidade do desespero, é importante saber: O desespero é uma vantagem ou não? Kierkegaard diz que são as duas coisas em pura dialética. É dialética, porque o desespero é uma doença e é justamente esta, que, sendo física ou espiritual, torna-se categoria dialética. Com isso, há, segundo Kierkegaard (2010, p. 28), “uma infinita vantagem em poder desesperar, e, contudo, o desespero não só é a pior das misérias, como a nossa perdição”. Ele também pode levar o homem ao sucesso ou ao fracasso, pois “põe à tona a miséria e a grandeza do homem” (SOUSA, 2010).

Os médicos afirmam que, provavelmente, não exista ninguém completamente são, isto é, isento de toda e qualquer enfermidade. Para mostrar a universalidade do desespero, Kierkegaard toma este exemplo, porém não mais como uma probabilidade e sim, como uma certeza e diz que, ninguém, “nem um só existe que esteja isento de desespero” (KIERKEGAARD, 2010, p. 27). O homem sempre terá dentro de si, do eu, do espírito uma inquietação, perturbação, angústia, desejo, receio de algo que ele ousa ou não conhecer, receio de alguma eventualidade ou de si mesmo. E ainda, “de qualquer maneira jamais alguém viveu, fora da cristandade, sem o desespero” (KIERKEGAARD, 2010, p. 27). Daí a importância que ele deu ao cristianismo e ao terceiro, último e mais elevado estágio existencial da vida humana, o religioso. O estágio do verdadeiro cristão, único capaz de superar o desespero.

Kierkegaard ressalta que esta ideia a muitos parecerá paradoxal, exagerada, triste e desanimadora. Porém ele mostra o contrário. Ao invés de obscurecer, ela ilumina o que está esquecido; ao invés de desanimar, ela exalta, considerando o homem conforme a suprema exigência do seu destino: ser espírito; enfim, “longe de ser um dito espirituoso, é um ponto de vista fundamental e perfeitamente lógico, e consequentemente não exagera” (KIERKEGAARD, 2010, p. 38). Portanto, o desespero é universal. “Não é ser desesperado que é raro, o raro, o raríssimo, é realmente não o ser” (KIERKEGAARD, 2010, p. 38).

Mas, segundo o pai do existencialismo, o comum dos mortais não compreende muita coisa acerca do desespero. O que a maioria não vê, é que não

ser desesperado e não ter consciência de o ser, já é uma forma de desespero. Ele comete o mesmo erro, porém bem mais profundamente, ao definir o desespero quando diz que alguém está doente ou saudável, porque não sabe o que é espírito. Eis a razão em compreender e expor primeiro, a ideia do que seja espírito, pois sem esta compreensão seria impossível entender o desespero. Geralmente, quem não se declara doente passa por são, além do mais, se é ele quem se considera saudável. O médico olha as doenças de outra maneira. Ele tem uma ideia exata e desenvolvida do que seja a saúde, e por ela se regula para examinar o estado do paciente. Como também leva em conta a existência de saúdes imaginárias, assim como há doenças imaginárias, por isso receita remédios para tornar o mal acessível, evidente. Porque há sempre, nele, um homem experimentado, que desconta metade do que cada pessoa diz de si mesma. Se ele confiasse totalmente em todas as impressões individuais de cada paciente, o papel dele simplesmente não existiria. Não lhe basta, segundo Kierkegaard, prescrever remédios, mas em primeiro lugar reconhecer o mal e assim, antes de qualquer coisa, saber se o paciente está realmente doente como se diz estar, ou se aquele, que se julga são, não é, em última análise um doente.

Tudo isso acontece também com o psicólogo diante da doença universal. Ele sabe o que é esta doença, conhece-a e não se conforma com a opinião de quem não quer acreditar ou crê desesperadamente. Porém, é necessário lembrar sempre da advertência de Kierkegaard (2010, p. 39): “Não esqueçamos, com efeito, que em certo sentido nem sempre são aqueles que dizem sê-lo”. Pois é muito fácil imitar o desespero, como também tomar todas as formas de desânimo sem consequências e sofrimentos como desespero sem ainda sê-lo. Mas mesmo em casos deste tipo, o psicólogo não desiste de procurar as formas do desespero, porque até mesmo esta imitação é a “doença mortal”.

Conforme o pensador da existência, o comum dos mortais também não vê que a dialética do desespero, doença espiritual, é totalmente diferente da de uma doença física. “Mas, bem compreendida, esta dialética engloba milhares de homens na categoria de desespero” (KIERKEGAARD, 2010, p. 39). Se alguém, por exemplo, está são e depois adoece, é claro que o médico vai dizer e, com toda razão, que estava são e agora está doente. Isso não acontece com o desespero, pois a sua aparição já mostra a sua preexistência. Como também nunca se pode deduzir isso

de alguém, “porque o próprio acontecimento que o lança no desespero, imediatamente revela que toda sua vida passada tinha sido desespero” (KIERKEGAARD, 2010, p. 39-40). Como conclusão disso, Kierkegaard (2010, p. 40) afirma: “o desespero é uma categoria do espírito, suspensa na eternidade, e um pouco de eternidade entra por consequência na sua dialética” e não como uma doença qualquer.

No desespero tudo é dialético: doença e sintomas e, é por isso, que o comum dos homens se engana quando acha alguém desesperado ou não. O estar calmo e seguro podem ser sintomas desta enfermidade, ou seja, a “ausência de desespero não equivale à ausência de um mal; porque não estar doente não significa que o sejamos, mas não estar desesperado pode ser o próprio indício de que o somos” (KIERKEGAARD, 2010, p. 40). O desespero não pode ser comparado com uma doença qualquer. Primeiro, porque o homem é espírito e o desespero é a doença do espírito e não simplesmente do corpo e, diante disso, o homem jamais deixa de estar em um estado crítico, dialético. E para encontrar-se nesse estado, é necessário estar doente, porque, por exemplo, quando o homem está com saúde física, ele permanece no imediato e com isso não há dialética. E segundo, porque na categoria de espírito, saúde e doença são igualmente críticas, dialéticas e, também, no espírito não existe saúde imediata. Em suma, é a doença do corpo ou da alma, que torna-se categoria dialética. E é justamente por ser dialético, que na doença, chamada desespero, “o pior mal é não ter sofrido... e é uma divina felicidade suportá-la, se bem que seja a mais nociva de todas, quando não queremos curar-nos dela” (KIERKEGAARD, 2010, p. 42). Neste caso, sarar é uma felicidade e o seu oposto é a própria enfermidade.

Além de o desespero ser universal, Kierkegaard afirma que também é eterno. Como assim? Nada melhor e justo do que expor esta cogitação com as próprias palavras do autor, que poeticamente diz:

E, esvaziada a ampulheta, a ampulheta terrestre, reduzidos a silêncio todos os ruídos do século, acabada a nossa agitação febril e estéril; quando ao redor tudo for silêncio, como na eternidade – homem ou mulher, rico ou pobre, subalterno ou senhor, feliz ou mal-aventurado, quer a tua cabeça tenha suportado o brilho da coroa ou que, perdido entre os humildes, não tenhas tido mais do que as penas e os suores dos dias, quer a tua glória seja celebrada enquanto durar o mundo ou esquecido, sem nome,

anonimamente sigas a multidão inumerável; quer o esplendor que te rodeou tenha ultrapassado qualquer descrição humana, ou os homens te tenham aplicado a mais dura, a mais aviltante das condenações, quem quer tenhas sido, a ti como cada um dos milhões dos teus semelhantes, a eternidade de uma só coisa inquirirá: se a tua vida foi ou não de desespero, e se, desesperado, tu ignoravas sê-lo, ou soterravas em ti esse desespero, como um segredo angustioso, como o fruto de um amor criminoso, ou ainda se, horrorizando os demais, desesperado, gritavas enfurecido. E, se a tua vida não foi senão desespero, que pode então importar o resto! Vitórias ou derrotas, para ti tudo está perdido, a eternidade não te conhece como seu, ela não te conheceu, ou, pior ainda, identificando-te, amarra-te ao teu eu, o teu eu de desespero! (KIERKEGAARD, 2010, p. 42).

Aqui entra a concepção de Jasper, acerca do desespero e o seu resultado final: “No fim, o que há é o naufrágio” (JASPER, apud REALE, 2005, p. 601).

Com esta exposição sobre o desespero na concepção kierkegaardniana, resumidamente pode-se dizer, que o desespero é a “doença mortal”, ou seja, do espírito. É dialética e universal, porém, “a maior parte das pessoas vive sem consciência do seu destino espiritual... e daí toda essa falsa satisfação em viver etc., que é o próprio desespero” (KIERKEGAARD, 2010, p. 42). Mas se o homem deseja curar-se desse mal, o primeiro passo é reconhecer-se doente, pois agindo assim, na opinião de Kierkegaard (2010, p. 42), “não está tão longe da cura, está mesmo mais próximo do que todos aqueles que não são considerados e não se julgam desesperados”.

CAPÍTULO III

AS FORMAS DO DESESPERO

Visto que o desespero é a “doença mortal” do homem, do espírito, do eu e que o homem é uma síntese de infinito e finito, de temporal e eterno, de liberdade e de necessidade, pode-se perceber, na obra *O desespero humano* do pensador da existência, seis formas do desespero: o “desespero da infinidade, ou a carência de finito”; o “desespero no finito, ou a carência de infinito”; o “desespero do possível, ou a carência de necessidade”; o “desespero na necessidade, ou a carência de possível”; o “desespero inconsciente de se ter um eu eterno”; e o “desespero consciente de se ter um eu eterno”. Este último divide-se ainda em duas formas: o “desespero, no qual não quer ser si próprio, ou desespero-fraqueza”; e o “desespero, no qual quer ser si próprio, ou desespero-desafio”.

As quatro primeiras são as formas dos fatores constitutivos da síntese do eu, e são categorias dialéticas, ou seja, uma depende do seu contrário. E as duas últimas são as formas da categoria da consciência e são indispensáveis ao estudo, pois quanto maior for a consciência, maior será a existência do eu, e quanto mais a consciência cresce, igualmente cresce a vontade. Assim conclui Kierkegaard (2010, p. 45): “Em um homem sem vontade, o eu é inexistente; mas quanto maior for a vontade, maior será nele a consciência de si próprio”. Vale lembrar que o estado do desesperado só pode ser descrito como fazem os poetas, deixando que ele próprio fale, mas o desespero em Kierkegaard, só pode ser definido pelo seu contrário, porque nesta enfermidade tudo é dialético: desespero, formas e sintomas. Daí a importância do seu estudo.

3.1. O “desespero da infinidade, ou a carência de finito”

Esta é a primeira forma derivada da dialética da síntese do eu e depende totalmente da próxima forma, pois “não se pode dar definição direta de nenhuma forma de desespero, é sempre necessário que uma forma reflita o seu contrário” (KIERKEGAARD, 2010, p. 46).

Se o homem julga ter uma vida já infinita, ou pelo menos deseja tê-la, já encontra-se no desespero, porque, conforme Kierkegaard, cada instante da vida é desespero. O eu é síntese de finito que delimita e de infinito que ilimita. O desespero que se perde no infinito é imaginário e depende da imaginação, assim também dependem desta todas as faculdades do homem: sentimento, conhecimento, vontade etc. E quando toca nestas faculdades, torna-as imaginárias. A imaginação é reflexão que cria o possível. Com isso, Kierkegaard afirma que Fichte tinha razão quando via nela a origem de todas as categorias. “Assim como o eu, também a imaginação é reflexão; reproduz o eu e, reproduzindo-o, cria o possível do eu; e a sua intensidade é o possível de intensidade do eu!” (KIERKEGAARD, 2010, p. 47).

Diante disso, o imaginário transporta o homem ao infinito, mas afastando-o de si mesmo e impedindo-o de fazer o regresso. O seu eu está doente e condenado ao desespero. E quando estará livre? Quando, depois de desesperado, mergulhar até Deus, atingindo assim o mais perfeito dos estágios existenciais, o religioso, visto no primeiro capítulo.

Quando o sentimento se torna imaginário, o eu evapora-se mais e mais, resultando-se simplesmente em uma espécie de sensibilidade desumana, partilhando-se apenas de uma existência abstrata, como a da ideia de humanidade. Kierkegaard cita como exemplo o reumatizante, que, pelas suas sensações, deixa o homem sob o domínio dos ventos e do clima, fazendo-o sentir a menor transformação atmosférica. Assim, o desesperado, “com o sentimento absorvido pelo imaginário, cada vez mais se inclina para o infinito, mas sem que se torne cada vez mais ele próprio, pois não deixa de se afastar do seu eu” (KIERKEGAARD, 2010, p. 48).

Igualmente acontece com o conhecimento que se torna imaginário. À medida que ele progride, transforma-se em um conhecer monstruoso, ou seja, para edificá-lo, o homem desperdiça o seu eu. Quantas vidas humanas foram desperdiçadas para que as pirâmides do Egito fossem construídas, por exemplo? A vida humana, que não é obra humana, não é mais importante do que qualquer obra humana por mais brilhante que esta seja? Como crescer então nesta faculdade? Colocando em prática a lei de progresso do eu: “que o conhecimento vá de par com a consciência, e que, quanto mais ele conheça, tanto mais o eu se conheça” (KIERKEGAARD, 2010, p. 48). E da mesma maneira com as demais faculdades.

Em suma, o “desespero da infinidade, ou a carência de finito” é quando o ser humano deixa, pelo menos, uma de suas faculdades se perder no imaginário, e com ela perde o seu eu.

3.2. O “desespero no finito, ou a carência de infinito”

Esta segunda forma de desespero, proveniente da dialética do eu, depende do seu contrário, que é a primeira forma, citada anteriormente. Segundo Kierkegaard (2010, p. 50), “carecer de infinito comprime e limita desesperadamente” (KIERKEGAARD, 2010, p. 50). Trata-se apenas de estreiteza e indigência morais. Pois o mundo, “só fala de indigência intelectual ou estética ou de coisas indiferentes, que são as que mais o ocupam” (KIERKEGAARD, 2010, p. 50). E a sua tendência é dar um valor infinito às coisas indiferentes. Aqui, pode-se lembrar da crítica direcionada a Hegel, que na visão de Kierkegaard, estava mais preocupado com as grandes linhas da história e, “esquecia-se de que era apenas uma pessoa, uma pessoa como outra qualquer, e não meia dúzia de parágrafos bem elaborados que de verbo tinha se tornado carne” (GAARDER, 1995, p. 405). E ainda, a sua reflexão acerca do mundo não dá conta dessa estreiteza, que é a perda do eu.

No desespero, a estreiteza é uma falta de primitividade. Dela o homem fica despojado e, espiritualmente castrado. Mas esta estrutura original está sempre disposta “como um eu que deve tornar-se ele próprio” (KIERKEGAARD, 2010, p.

50). E como o homem é espírito e a reflexão do mundo não percebe nada dessa estreiteza, a espiritualidade entra em cena e traz a solução, como a única capaz disso, pois a sua tarefa é dar conta dessa realidade.

Ao lado deste desespero, existe um de outra espécie, que deixa como que frustrar-se do seu eu por outro. Assim Kierkegaard (2010, p. 50) o descreve:

A contemplar as multidões à sua volta, a encher-se com ocupações humanas, a tentar compreender os rumos do mundo, este desesperado esquece-se de si próprio, esquece o seu nome divino, não ousa crer em si próprio e acha demasiado ousar sê-lo. É muito mais simples e seguro assemelhar-se aos outros, ser uma imitação servil, um número, confundido no rebanho.

Um desesperado desta espécie se encontra no estágio ético, o segundo estágio da vida humana, que é caracterizado pela seriedade e pela submissão à lei moral, pois “adquire uma aptidão sem fim para ser bem visto em toda parte, para elevar-se na sociedade” (KIERKEGAARD, 2010, p. 51). Torna-se um homem de acordo com as exigências da sociedade. Ele vive de aparências e “realiza a síntese do estético e do ético” (FARAGO, 2006, p. 125). Porém Kierkegaard (2010, p. 51) adverte: “Esse desespero, que facilita a vida em vez de entravá-la, não é, naturalmente, tomado como desespero”.

Nesta forma de desespero, o maior perigo é o calar-se, enquanto aos olhos do mundo, é o arriscar-se, simplesmente pela razão de poder perder-se. Pois não arriscando-se, o homem ganha todos os bens deste mundo, porém perde o seu eu, do qual já encontrava-se distante. E arriscando-se, ele perde todos os bens, mas não a si próprio. E ainda, “porque se arrisco-me e me engano, seja! A vida castiga-me para me socorrer” (KIERKEGAARD, 2010, p. 52).

Resumidamente, o “desespero no finito, ou a carência de infinito” é o desesperar-se das coisas materiais e o mundo está repleto de pessoas com esta enfermidade.

3.3. O “desespero do possível, ou a carência de necessidade”

Inicialmente, Kierkegaard (2010, p. 52) afirma que “o possível e a necessidade são igualmente essenciais para que o eu se transforme”. Pois assim como diante do infinito a finitude põe limite, da mesma forma no campo do possível a necessidade exerce a função de reter. O eu é, então, necessidade e possibilidade. É a primeira, porque é ele próprio e é a segunda, porque deve realizar-se.

O desespero da possibilidade é quando o possível repele a necessidade e o eu se perde no possível, sem a ligação que o prenda à necessidade. “Esse eu torna-se então uma abstração no possível, esgota-se debatendo-se nele, sem contudo mudar de lugar, pois o seu lugar é a necessidade” (KIERKEGAARD, 2010, p. 53).

O possível cresce constantemente aos olhos do eu, tornando-se cada vez mais intenso, porém não deixa de ser possível e não se torna realidade. E “no real não há de fato intensidade se não houver passagem do possível ao real” (KIERKEGAARD, 2010, p. 53). Os possíveis surgem a todo instante e desfilam tão rapidamente, a ponto de parecerem reais, porém é tudo miragem, porque os instantes são irreais. E por que estes são irreais? Porque o “eu foi tragado pelo abismo” (KIERKEGAARD, 2010, p. 53).

O que pode parecer agora, é que o possível carece é de real, porém olhando as coisas mais de perto, percebe-se que ele carece é de necessidade, porque não é a realidade que se une ao possível na necessidade, mas é a necessidade que se une ao possível na realidade. E diante disso, o que falta, então, nesta síntese? Simplesmente a força de obediência e submissão à necessidade.

O possível pode ser comparado a um espelho e este é mentiroso, pois ninguém pode ver a si mesmo em um espelho. Assim conclui Kierkegaard (2010, p. 54): “Um eu que se olha no seu próprio possível, só é semiverdadeiro, porque nesse possível, está muito longe de ser ele próprio, ou o é parcialmente”. E também pode ser comparado a uma criança, que recebe um convite agradável e logo diz sim, e a necessidade com os pais, que permitirão ou não. O possível só pode ser visto com a prudência.

Esta forma de desespero contém todos os possíveis e todos os atos de loucura, mas principalmente dois: o desejo e a melancolia imaginativa. Kierkegaard (2010, p. 55) exemplifica:

Como aquele cavaleiro, tão falado nas lendas, que subitamente vê uma ave rara e teima em persegui-la, julgando-se a princípio prestes a atingi-la, mas a ave de novo se distancia até ao cair da noite, e o cavaleiro, longe dos seus, perdido na solidão já não sabe o caminho: assim é o possível do desejo.

Com o possível melancólico acontece o contrário, mas de maneira idêntica. “O homem possuído por um amor melancólico empenha-se em perseguir um possível da sua angústia, que acaba por afastá-lo de si próprio” (KIERKEGAARD, 2010, p. 55).

3.4. O “desespero na necessidade, ou a carência de possível”

Se o perder-se no possível pode ser comparado ao balbuciar infantil, o necessitar-se de possível será como ser no mundo. A necessidade, para Kierkegaard (2010, p. 55), “parece ser apenas consoante, mas o possível é necessário para pronunciá-la”. Porém, “se ele falta, se o acaso faz com que uma existência dele careça, essa existência será desesperada, e sê-lo-á a cada instante em que a carência se manifeste” (KIERKEGAARD, 2010, p. 55).

Alguém pode dizer que, em algum momento da vida, está transbordante de esperança ou de possível. Porém está plenamente errado ao pensar isso, porque “todo esperar ou desesperar desta espécie não é ainda verdadeira esperança, nem verdadeiro desespero” (KIERKEGAARD, 2010, p. 55). Kierkegaard apresenta o critério: somente a Deus tudo é possível. Esta é a verdade de sempre e de qualquer instante, mas esta afirmação só é decisiva para quem já esgotou todas as possibilidades, e “quando nenhum outro possível humano subsiste” (KIERKEGAARD, 2010, p. 55). O essencial, para ele, é saber se o desesperado quer

acreditar nessa verdade e se tem vontade também. Aqui entra o próprio ato de fé: perder a razão para ganhar Deus.

Para Soeren, a salvação é o supremo impossível humano, todavia a Deus tudo é possível. Eis o combate da fé. Sem ele é impossível a salvação. O que acontece, por exemplo, com uma pessoa que desmaia e com outra que se desespera? Elas gritam, pedindo socorro, porém os gritos e os pedidos são diferentes. Diante do desmaio, grita-se: "Água, água!", mas diante do desespero, grita-se: "Possível, possível!" Porque só o possível pode salvá-la. Percebe-se, então, que há uma possibilidade, pois o desesperado recomeça a respirar e sem o possível não se respira. Esta explicação será feita mais adiante.

No combate da fé, que é dialético, a solução depende apenas de uma questão: o combatente quer crer que ele quer obter o possível? Normalmente, o homem limita-se à esperança, isto é, ao provável, contando que algo de ruim não lhe virá acontecer e que em seguida aconteça e ele morre. Assim também é com o temerário, que aventura-se a um perigo. Já com o crente é totalmente diferente. Este apercebe-se da sua perda, porém ainda resta-lhe algo: a fé em Deus. E é justamente isso que o livra de perecer, pois ele "deixa a Deus o modo de socorro, e contenta-se em crer que a Deus tudo é possível" (KIERKEGAARD, 2010, p. 57). Sabe qual é a única coisa impossível, para ele? É crer na sua perda. Porém, "compreender que humanamente isso é a sua perda e acreditar ao mesmo tempo no possível, é crer" (KIERKEGAARD, 2010, p. 57).

Na concepção de Kierkegaard, outros desesperados, além do homem comum e do temerário, são o determinista e o fatalista. E por que são desesperados? Porque vivem sem Deus e, portanto, perderam o seu eu, pois perder Deus é perder o eu, como também, "carecer de Deus é carecer de eu" (KIERKEGAARD, 2010, p. 58). Porém existe algo curioso: para eles só há a necessidade, e esta ainda é tida como o deus para o fatalista. Mas a necessidade é irrespirável, porque ela provém da síntese da personalidade, cuja "duração depende, pois, como a respiração de uma alternativa de inspiração e expiração" (KIERKEGAARD, 2010, p. 58). Com isso, o eu do determinista não respira e o culto do fatalista é a impossibilidade de orar, porque "orar é ainda respirar" (KIERKEGAARD, 2010, p. 58). E para tal ação é

necessário um Deus, que é a possibilidade pura, ou seja, a ausência de necessidade, e um eu.

Diante disso, pode-se concluir que o “desespero na necessidade, ou a carência de possível” é quando pessoas, como o homem comum, o temerário, o determinista e o fatalista, vivem sem Deus e, conseqüentemente, sem o eu. Contudo, o único capaz de alcançar a cura é o crente, por ter o eterno e seguro antídoto do desespero: Deus. Aqui terminam as formas do desespero da síntese do eu.

3.5. O “desespero inconsciente de se ter um eu eterno”

Esta é a primeira forma do desespero visto sob a categoria da consciência, mas para uma melhor compreensão desta e das próximas formas, vale lembrar que, “a consciência vai aumentando e os seus progressos medem a intensidade sempre crescente do desespero; quanto mais aumenta, mais intensa se torna” (KIERKEGAARD, 2010, p. 60). A melhor expressão para este tipo de desespero seria “a ignorância desesperada por se ter um eu eterno”.

Segundo o pensador dinamarquês, este estado de desespero exprime por si só, embora no bom sentido do termo, o direito sutil da verdade. Mas este direito tão sutil é considerado menor ainda que o seu valor. Da mesma maneira, os homens estão longe de considerar como bem supremo a relação com a verdade e desta com sua relação pessoal. Eles estão distantes de concordar com Sócrates, por exemplo, que tinha como a pior das infelicidades, o estar e o permanecer no erro, ou seja, na ignorância. Daí a razão de Kierkegaard escolher Sócrates como o modelo de existência.

Nos homens, as categorias dos sentidos, como o agradável e o desagradável, sobrepõem às categorias da intelectualidade, como o espírito e a verdade. E por que esta sobreposição acontece? Porque eles se entregaram à sensualidade, à vaidade, e, por isso, possuem uma alma plenamente corporal. Esqueceram-se da sua

estrutura primitiva: uma síntese com uma finalidade espiritual. E o pior é a permanência deles neste erro, pois assim confirma Kierkegaard (2010, p. 61):

Quase sempre, quando alguém se julga feliz e se envaidece em sê-lo, ao passo que à luz da verdade é um infeliz, está a cem léguas de desejar que o tirem do seu erro. Pelo contrário, zanga-se. Considera seu pior inimigo aquele que nisso se esforça, e como um atentado – quase um crime – esse modo de proceder e, como costuma dizer-se, de destruir a sua felicidade.

E ainda completa Kierkegaard (2010, p. 63): “o desesperado que se ignora está realmente mais longe da verdade e da salvação do que o desesperado consciente”, que será tratado na próxima forma de desespero.

Acerca deste desespero, pode-se afirmar que existem duas negações: o próprio desespero e a sua ignorância. “É nesta ignorância que o homem tem menor consciência de ser espírito” (KIERKEGAARD, 2010, p. 63). Como também há um dado importante: “Esse desespero que se ignora, é a forma mais frequente do mundo” (KIERKEGAARD, 2010, p. 63).

3.6. O “desespero consciente de se ter um eu eterno”

Esta forma de desespero, juntamente com a anterior, constitui os dois extremos do desespero. Antes de tudo, faz-se necessário questionar: o desesperado consciente sabe, com precisão, o que é o desespero? Talvez sim, mas olhando a vida sob o ângulo do desespero, assim responde Kierkegaard (2010, p. 66): “o teu desespero tem raízes ainda mais profundas”.

O desesperado consciente deve saber o que é precisamente o desespero, e deve ter completa luz sobre si mesmo, “a não ser que lucidez e desespero se excluam” (KIERKEGAARD, 2010, p. 66).

Neste tipo de desespero, a pessoa esconde o seu estado desesperado sob a sua própria penumbra. E no seu íntimo, ela bem duvida do seu estado, e até sente-o, porém não tem vontade de descobrir qual seja. Esconde o seu estado

desesperado nas distrações, no trabalho ou nas ocupações que sirvam de passa tempo.

Foi visto anteriormente, que a intensidade de desespero aumenta com o aumento da consciência. Portanto, quanto mais possuir uma exata ideia do que seja este mal, melhor será para compreender a sua intensidade. Kierkegaard (2010, p. 68) explicita:

Quando alguém se mata com a consciência de que se matar é um ato de desespero, e, portanto com uma visão exata sobre o que seja o suicídio, é mais desesperado do que matando-se sem saber ao certo que isso significa desespero; pelo contrário, o matar-se tendo uma falsa ideia do suicídio, representa um desespero mais intenso. Por outro lado, quanto mais lucidamente nos conhecemos (consciência do eu) ao suicidar-nos, mais intenso é nosso desespero, em comparação com o daquele que se suicida num estado de alma indeciso e obscuro.

O “desespero consciente de se ter um eu eterno” divide-se ainda em duas formas: o “desespero-fraqueza” e o “desespero-desafio”. Nelas, não só se verá crescer o conhecimento acerca do desespero, como também, ver-se-á crescer a consciência do eu, por parte do desesperado. E isto é o fato decisivo.

3.6.1. O “desespero-fraqueza”

O “desespero-fraqueza” é a primeira subdivisão do desespero consciente, na qual o desesperado não quer ser si próprio. Mas primeiramente, o dinamarquês esclarece, dizendo que “qualquer espécie de desespero contém um certo desafio; contém-no até a expressão ‘no qual não se quer’. E, por outro lado, até o supremo contém-no até a expressão ‘no qual não se quer’ (KIERKEGAARD, 2010, p. 68). É uma forma passiva e relativa.

É o desespero do imediato, ou seja, não quer ser si próprio, ou mais triste ainda, não se quer ser um eu, e o pior, deseja ser outro, aspira a um novo eu. Porém isso é impossível, porque “nada é, depois de Deus, tão eterno como o eu” (KIERKEGAARD, 2010, p. 73). Ou melhor, é impossível o homem, que possui um eu

eterno, querer se transformar em um outro eu. Todavia isso não acontece com o homem imediato, pois “ao desesperar-se, nem sequer tem um eu suficiente para ao menos desejar ou sonhar ter sido aquilo que não foi. Defende-se, então, doutra maneira, desejando ser outrem” (KIERKEGAARD, 2010, p. 73). E ainda, esse homem, “cujo único desejo é a mais extravagante de todas as metamorfoses, ei-lo apaixonado, sim, apaixonado pela ilusão segundo a qual essa transformação lhe seria tão fácil como mudar de casaco” (KIERKEGAARD, 2010, p. 73). Segundo Kierkegaard (2010, p. 79), o mundo está cheio de pessoas com este tipo de desespero: “Quantos homens e mulheres, quantos velhos, nós vemos, tão cheios de ilusões pueris, como se fossem adolescentes!” E a ilusão tem duas formas, a esperança e a recordação. Os jovens têm a primeira, e os velhos a segunda.

Contudo, quando o homem do imediato progride um pouquinho, misturando uma certa reflexão sobre si próprio, vê por si mesmo que fraqueza é dar tanto valor ao temporal, ou seja, que a fraqueza é desesperar-se. “Mas em vez de obliquar declaradamente do desespero para a fé, humilhando-se perante Deus sob essa fraqueza, mergulha no desespero e desespera-se dela” (KIERKEGAARD, 2010, p. 83). Daí ele cai no suicídio, porque o desespero passou de um mal passivo para um mal ativo.

O “desespero-fraqueza” é o desesperar-se de uma coisa temporal, e sobre ele, Kierkegaard diz que é o tipo mais vulgar de desespero, porque a perda do temporal, em si, não é desespero, pois “o desespero está em perder a eternidade” (KIERKEGAARD, 2010, p. 71).

3.6.2. O “desespero-desafio”

Após enfrentar o desespero temporal ou de uma coisa temporal, embora ainda não seja desespero, de acordo com Kierkegaard, e pelo desespero de si próprio quanto à eternidade, o homem enfrenta a segunda forma do desespero da consciência: o “desespero-desafio”. E por que o desafio é desespero? Porque o homem, “para ser ele próprio, abusa desesperadamente da eternidade inerente ao eu, o eu” (KIERKEGAARD, 2010, p. 89). E utilizando-se dessa categoria inerente ao eu, o

desesperado aproxima-se a tal ponto da verdade, e “é por estar tão perto dela que vai infinitamente longe” (KIERKEGAARD, 2010, p. 89).

O “desespero-desafio” é o desespero que conduz o “doente” à fé, porém não existiria sem o auxílio da eternidade; “graças a ela, o eu consegue a coragem de se perder, para de novo se encontrar; pelo contrário, recusa-se a começar por se perder, e quer ser ele próprio” (KIERKEGAARD, 2010, p. 89).

É com o auxílio dessa forma infinita, que o eu quer, desesperadamente, dispor de si, ou daquele que o criou, Deus, fazendo do seu eu o eu que ele deseja ser e escolhendo o que admitirá ou não no seu eu concreto. Mas este não é uma concretização qualquer, “é a sua, e, com efeito, comporta necessidade, limites, é um determinado preciso, particular, com seus dons, os seus meios etc.” (KIERKEGAARD, 2010, p. 90).

Entretanto, há também crescimento do eu, razão pela qual o desesperado pode conduzir-se à fé. Assim afirma Kierkegaard (2010, p. 90):

Nesta forma de desespero, a consciência do eu aumenta progressivamente, e, portanto, a par e passo, a do que é o desespero e da natureza desesperada do estado em que está; nela o desespero tem consciência de ser um ato e não provém do exterior como um sofrimento passivo sob pressão ambiente, mas diretamente do eu. Deste modo, em relação ao desespero de ser fraco, este desafio representa de fato uma nova qualificação.

Diante de todas essas formas do desespero, pode-se concluir que, as formas dialéticas da síntese do eu são essenciais para que o eu se constitua e se transforme. Como também são indispensáveis as formas da consciência, pois nelas, não só se verá crescer o conhecimento acerca do desespero, como também, ver-se-á crescer a consciência do eu.

CONCLUSÃO

Finalizada esta exposição acerca do desespero na concepção de Kierkegaard, é chegado o momento de responder a problemática desta pesquisa: por que o ser humano se desespera?

Porque o desespero é inerente à personalidade humana e, por isso, universal. O desespero é um dos aspectos fundamentais da existência, sendo assim, um problema concreto do dia-a-dia. A partir disso, Kierkegaard o apresenta como a "doença mortal", por atingir o homem, o eu, que é espírito.

Quando o homem se desespera, perde totalmente o seu eu, porque em todas as formas de desespero, o desesperar-se é um distanciar-se de si mesmo. Porém Kierkegaard apresenta uma solução: Deus, por meio da fé. Para tanto, o homem deve atingir o estágio mais perfeito da existência, o religioso ou espiritual. Porque o contrário do desesperar-se é crer. Assim, "descendo em si próprio, querendo ser si próprio, o eu mergulha através da sua transparência no poder que lhe deu a existência" (KIERKEGAARD, 2010, p. 68). E esse poder é Deus, a possibilidade pura, ou seja, a total ausência de necessidade.

O problema do desespero não se esgota por aqui, pois além de ser um existencial da vida humana, neste trabalho só foi apresentado a sua concepção, que está na primeira parte da obra *O desespero humano* de Kierkegaard, restando a segunda, que trata de "desespero e pecado". Que tal pesquisa-la?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **História da filosofia**. 5. ed. v. 8. Lisboa: Presença, 2000.

ALMEIDA, J. M.; VALLS, A. L. M. **Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

FARAGO, F. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis: Vozes, 2006.

GAARDER, J. **O mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GARDINER, P. **Kierkegaard**. São Paulo: Loyola, 2001.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2006.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

KIERKEGAARD, S. A. **O desespero humano**. São Paulo: Unesp, 2010.

_____. **Diário de um sedutor**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

REALE, G. **História da filosofia**: do romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 2005.

SALES, Antonio do Nascimento. **O desespero humano e crises existenciais:** uma visão de triunfo em Sören Kierkegaard. Disponível em: <[HTTP://www.culturabrasil.pro.br/kier.htm](http://www.culturabrasil.pro.br/kier.htm)>. Acesso em: 22 mar. 2011.

SOUSA, Marianne. **O desespero da humanidade:** desespero-fraqueza. Disponível em: <[HTTP:// www.webartigos.com/articles/22325/1/O-Desespero-da-Humanidade-Desespero-fraqueza/pagina1.html#ixzz1I0dC4d9E](http://www.webartigos.com/articles/22325/1/O-Desespero-da-Humanidade-Desespero-fraqueza/pagina1.html#ixzz1I0dC4d9E)>. Acesso em: 22 mar. 2011